



CEMP – Centro Educacional Marapendi

Professora: Karen Barros / História

9º Ano do Ensino Fundamental II

Cap 11 Experiências ditatoriais na América Latina e a ditadura civil-militar no Brasil - 3º TRIMESTRE

❖ Ditadura Militar na Argentina: repressão, controle e luta por memória

Contexto geral: influência externa e clima político

A ditadura argentina deve ser entendida dentro do cenário maior da Guerra Fria, quando os Estados Unidos apoiaram governos militares na América Latina para impedir o avanço de ideias consideradas comunistas. Essa política se articulou com a Doutrina de Segurança Nacional, que defendia que os exércitos latino-americanos deveriam combater “inimigos internos”. Na Argentina, esse ambiente de tensão somou-se a uma crise econômica profunda, inflação alta e conflitos entre grupos políticos, criando terreno para o golpe militar.

Golpe de 1976 e início do regime

Em 24 de março de 1976, as Forças Armadas depuseram a presidente Isabel Perón e instauraram o Processo de Reorganização Nacional, liderado por Jorge Rafael Videla. O novo governo prometia “restaurar a ordem”, mas rapidamente implantou um sistema autoritário baseado em censura, perseguição política e controle total da sociedade. O regime buscava eliminar qualquer forma de oposição, especialmente movimentos estudantis, sindicatos e grupos de esquerda.

A “Guerra Suja”: repressão e desaparecimentos

A ditadura argentina ficou marcada por uma das mais violentas campanhas repressivas da América Latina.

- Aproximadamente 30 mil pessoas foram desaparecidas.
- Mais de 340 centros clandestinos de detenção funcionaram como locais de tortura e execução.
- O Estado utilizou sequestros, prisões ilegais, censura e propaganda para controlar a população.

Os militares chamavam essa política de “Guerra Suja”, justificando a violência como combate ao “terrorismo”. Na prática, qualquer pessoa considerada crítica ao regime podia ser presa ou desaparecer.

Resistência e movimentos sociais

Mesmo sob forte repressão, surgiram movimentos de resistência. O mais simbólico foi o das Mães da Praça de Maio, mulheres que passaram a se reunir semanalmente na praça em frente à Casa Rosada, exigindo informações sobre seus filhos desaparecidos. Com seus lenços brancos, elas se tornaram um ícone mundial da luta por **direitos humanos**, enfrentando o regime com coragem e persistência.

Fim da ditadura e legado histórico

A derrota argentina na Guerra das Malvinas (1982) enfraqueceu o regime e acelerou sua queda. Em 1983, o país voltou à democracia com a eleição de Raúl Alfonsín. Desde então, a Argentina desenvolveu políticas de memória, verdade e justiça, julgando militares envolvidos em crimes

e preservando locais de memória, como a ESMA, antigo centro de tortura transformado em museu.

A ditadura deixou marcas profundas: famílias destruídas, traumas coletivos e a necessidade constante de lembrar para que nunca mais se repita.

❖ Ditadura Militar no Chile: golpe, repressão, neoliberalismo e resistência popular

A ditadura militar chilena, instaurada em 1973 e encerrada em 1989, foi um dos regimes mais violentos e transformadores da história latino-americana. Marcada por repressão sistemática, reestruturação econômica radical e intensa resistência social e cultural, ela deixou marcas profundas na sociedade chilena e no debate político global.

O golpe de 1973 e a queda de Salvador Allende

Em 11 de setembro de 1973, o Chile viveu um dos episódios mais dramáticos de sua história. O presidente Salvador Allende, eleito democraticamente em 1970 por uma coalizão de esquerda chamada Unidade Popular, buscava implementar um projeto de transformação social que incluía:

- Nacionalização das minas de cobre, principal riqueza do país.
- Estatização do sistema financeiro.
- Reforma agrária para redistribuir terras improdutivas.
- Ampliação de direitos trabalhistas e políticas sociais.

Essas medidas enfrentaram forte oposição de setores conservadores, empresariais e da elite chilena, além de intensa sabotagem econômica e política apoiada pelos Estados Unidos, que temiam o avanço de um governo socialista democrático na América Latina durante a Guerra Fria.

A crise econômica foi agravada por boicotes internos, greves financiadas por empresários e campanhas de desinformação. Em meio ao caos político, as Forças Armadas, lideradas pelo general Augusto Pinochet, bombardearam o Palácio de La Moneda. Allende recusou-se a renunciar e morreu durante o ataque — oficialmente, por suicídio.

Com o golpe, Pinochet assumiu o poder e instaurou uma ditadura que duraria 16 anos.

Repressão, controle social e Operação Condor

A ditadura chilena tornou-se rapidamente um dos regimes mais brutais da região. Logo após o golpe, milhares de pessoas foram presas, torturadas ou executadas. Entre os principais mecanismos de repressão estavam:

- As “caravanas da morte”, grupos militares que percorriam o país executando opositores.



CEMP – Centro Educacional Marapendi

Professora: Karen Barros / História

9º Ano do Ensino Fundamental II

Cap 11 Experiências ditatoriais na América Latina e a ditadura civil-militar no Brasil - 3º TRIMESTRE

- Centros de detenção e tortura, como Villa Grimaldi e Estádio Nacional, onde milhares foram mantidos ilegalmente.
- Censura total à imprensa, às artes e às universidades.
- Desaparecimentos forçados, prática sistemática para eliminar opositores sem deixar vestígios.

Em 1975, o Chile integrou a Operação Condor, uma aliança entre as ditaduras do Cone Sul (Chile, Argentina, Brasil, Uruguai, Paraguai e Bolívia) para perseguir, sequestrar e assassinar opositores políticos no exterior. Com apoio e conhecimento dos Estados Unidos, agentes desses regimes atuaram clandestinamente em vários países.

Um dos casos mais emblemáticos foi o assassinato de Orlando Letelier, ex-ministro de Allende, morto em 1976 em Washington por um carro-bomba — evidência da dimensão internacional da repressão chilena.

Ao todo, estima-se que o regime tenha deixado:

- Mais de 3 mil mortos e desaparecidos.
- Cerca de 40 mil vítimas de tortura.
- Centenas de milhares de exilados.

O laboratório neoliberal dos “Chicago Boys”

Além da repressão política, a ditadura chilena promoveu uma transformação econômica profunda. Influenciado por economistas formados na Universidade de Chicago — os Chicago Boys — Pinochet implementou um modelo neoliberal radical, que incluía:

- Privatização de empresas estatais e serviços públicos, como saúde, educação e previdência.
- Abertura comercial agressiva ao capital estrangeiro.
- Redução drástica do papel do Estado na economia.
- Flexibilização trabalhista, enfraquecendo sindicatos e direitos sociais.

Embora a inflação tenha sido controlada, os impactos sociais foram severos:

- Desemprego elevado, especialmente nos anos 1980.
- Queda dos salários reais.
- Aumento da pobreza, que passou de 20% (1970) para 44,4% (1987).
- Crescimento da desigualdade, com concentração de renda nas elites empresariais.

O Chile tornou-se um experimento neoliberal pioneiro, cujos resultados — crescimento econômico com forte desigualdade — ainda influenciam debates sobre políticas econômicas no mundo.

Resistência popular, cultura e memória

Apesar da violência, a resistência chilena foi intensa e multifacetada. Ela se manifestou em movimentos sociais, redes clandestinas e expressões culturais que se tornaram símbolos de luta.

Arpilleras: arte como denúncia

Mulheres de bairros populares criaram as arpilleras, bordados feitos em tecidos rústicos que retratavam:

- Prisões e desaparecimentos.
- Filas de alimentos.
- Protestos e repressão militar.
- A vida cotidiana sob o terror.

Essas peças eram enviadas clandestinamente ao exterior, denunciando violações de direitos humanos.

Nova Canção Chilena

Artistas como Violeta Parra, Víctor Jara, Inti-Illimani e Quilapayún criaram músicas que exaltavam o folclore latino-americano e denunciavam injustiças sociais. Víctor Jara foi preso, torturado e assassinado pelos militares, tornando-se um ícone da resistência cultural.

Movimentos sociais e protestos

Nos anos 1980, grandes manifestações — especialmente as Jornadas de Protesto Nacional — reuniram trabalhadores, estudantes, mulheres e organizações de direitos humanos, pressionando pela redemocratização.

O fim da ditadura e o legado histórico

A ditadura começou a enfraquecer após a Guerra das Malvinas (1982), que abalou a legitimidade das ditaduras do Cone Sul, e devido à crescente pressão internacional por direitos humanos.

Em 1988, um plebiscito nacional decidiu se Pinochet permaneceria no poder. A campanha do “No”, marcada por criatividade e esperança, venceu com 55% dos votos, abrindo caminho para eleições democráticas em 1989.

Após o fim do regime, o Chile iniciou um processo de:

- Comissões da Verdade, como a Comissão Rettig e a Comissão Valech.
- Julgamentos de militares envolvidos em violações de direitos humanos.
- Criação de museus e centros de memória, como o Museu da Memória e dos Direitos Humanos.
- Reconhecimento oficial das vítimas e políticas de reparação.

Hoje, o Chile mantém viva a lembrança desse período sombrio, reafirmando seu compromisso com a democracia, os direitos humanos e a justiça histórica.

ATENÇÃO: o resumo é baseado no livro, mas nunca substitui o estudo integral do livro, sua leitura, interpretação e execução de exercícios.